

Capacitismo e os direitos sociais das pessoas com deficiência: um relato de experiência extensionista

Raquel da Silva Silveira¹, Ana Paula Ramos de Souza², Sofia Hein Machado³, Ana Clara Jardim⁴, Giano dos Reis Rezende⁵

INTRODUÇÃO

O capacitismo é uma estrutura social que discrimina e violenta os direitos sociais das pessoas com deficiência. No Brasil, em 2008 foi promulgada a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva [PNEEPEI] a qual buscava assegurar o acesso a direitos negados a essa população. Todavia tivemos resistências de todas as ordens, pois assegurar direitos sociais a pessoas com deficiência requer uma transformação social importante, estrutural e atitudinail (MARTINS et. al., 2023).

No campo teórico das deficiências, há uma ênfase nos estudos biomédicos sobre a pessoa com deficiência. Na sociedade de hoje, a deficiência é compreendida como uma falta, uma falha no corpo que precisa ser consertada (DINIZ, 2007). A prática de intervenções e ações para diminuir essa falha é colocada como foco, o que acaba resumindo o indivíduo à sua “falha”, aquilo que lhe falta. Esse modelo resulta em discriminação e preconceito, e é por conta disso que foi gerado, em meados do século XX, o Modelo Social da Deficiência (DINIZ, 2007), que tinha como objetivo mudar a abordagem dada a essa temática. A deficiência, portanto, não teria mais como foco a falta ou lesão do corpo, e passaria a ser debatida a inabilidade da sociedade em lidar com a diversidade dos corpos humanos e suas diferentes capacidades. Neste contexto de batalhas e de elaboração teórica, surgiu o conceito de capacitismo, evidenciando que as desigualdades e a violação dos direitos humanos das pessoas com deficiência são

¹ Doutora em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. raquelsilveira43@gmail.com

² Doutora em Linguística e Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. ramos1964@uol.com.br

³ Fonoaudióloga, Doutoranda em Ciências e Distúrbios da Comunicação. University of Houston. sofiahein9@gmail.com

⁴ Graduanda em Fonoaudiologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. anaclarajardim.acj3@gmail.com

⁵ Graduando em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. gianorezende@gmail.com

resultado de uma estrutura social que privilegia somente aqueles plenamente capazes de operar no sistema capitalista (MARCO, 2021).

No ano de 2018 as universidades públicas incluíram no processo seletivo de ingresso à universidade por cotas um percentual para pessoas com deficiência, fato que, lentamente, tem permitido o aumento do ingresso dessa população (MARTINS et. al., 2023). Nesse primeiro ano de cotas para pessoas com deficiência (PCDs), houve o ingresso de um jovem com deficiência física, usuário de cadeira de rodas no curso de psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ao ser selecionado para atuar como bolsista nas ações de extensão do curso de Psicologia, sentimos a necessidade de elaborar uma ação extensionista que tivesse como temática principal as deficiências. Foi nesse contexto que foi fundado o “CEPAC - Coletivo de Extensão e Pesquisas Anticapacitistas” da UFRGS. O objetivo geral do CEPAC é contribuir com o enfrentamento ao capacitismo, principalmente dentro da universidade pública, através de articulação com os movimentos sociais de pessoas com deficiência e das políticas públicas de inclusão, numa perspectiva interseccional com raça/cor, gênero/sexualidade e geracionalidade (SANTOS, KABENGELE, MONTEIRO, 2022).

ESTE ESTUDO

Este trabalho tem como objetivo relatar as experiências produzidas pelo coletivo de extensão CEPAC no campo das deficiências e do capacitismo, no estado do Rio Grande do Sul, durante o período de 2022-2023, bem como promover uma discussão teórica a respeito do assunto.

As atividades do coletivo possuem embasamento teórico científico nas seguintes metodologias: Modelo Social da Deficiência (DINIZ, 2007); Educação Popular de Paulo Freire (FREIRE, 1983); Pedagogia Engajada de bell hooks (hooks, 1994) e na prática de contação de histórias (NOGUERA, 2017). A articulação destas perspectivas teórico-metodológicas possibilita a valorização das trocas de saberes entre a universidade e a sociedade, o reconhecimento de que as diferenças raciais produzem experiências de vida hierarquizadas, nas quais o corpo será fundamental para potencializar as aprendizagens e as formas de resistência. Por fim, a utilização da contação de histórias na promoção à saúde como metodologia de trabalho se orienta na potência da literatura em ressignificar o mundo e produzir experiências positivas de representatividade para a população negra e com deficiência. Desse

modo, visa-se promover e ofertar espaços que desenvolvam discussões, tanto em ambiente acadêmico quanto fora desse, embasadas em uma perspectiva anticapacitista e antirracista.

MÉTODOS

A metodologia utilizada para o desenvolvimento e manutenção do coletivo se dá através de encontros semanais que envolvem rodas de conversa, oficinas e contação de histórias com protagonismo de personagens com deficiência. As rodas de conversas e as oficinas acontecem por demanda de escolas públicas e são realizadas tanto com o corpo discente como docente. Também realizamos de forma continuada rodas de conversas abertas e online, com foco para o público em geral.

A equipe de trabalho é composta por duas (2) professoras dos cursos de Psicologia e Fonoaudiologia da UFRGS como coordenadoras, uma (1) fonoaudióloga estudante de doutorado e um (1) bacharel em direito como colaboradores, seis (6) estudantes de graduação dos cursos de Psicologia e de Fonoaudiologia como bolsistas e voluntários. Nesta equipe, três (3) pessoas são pessoas com deficiência e dois (2) são autodeclarados pretos. Além da equipe de trabalho, também contamos com a participação de outros estudantes e de pessoas da comunidade, muitas delas pessoas negras e/ou com deficiência, trazendo representatividade e falas importantes para a nossa metodologia de trabalho.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os espaços construídos pelo coletivo possibilitam trocas de experiências e de saberes, de modo que estudantes de graduação possam aprender a partir da vivência prática relatada pelas pessoas com deficiência que compõem o coletivo. O impacto das atividades do CEPAC se mostra significativo de várias formas, e o crescimento e expansão do projeto se manifestam através do engajamento nas redes sociais, da procura de pessoas de dentro e fora da universidade interessadas em fazer parte do coletivo, e das políticas de ações que o projeto vem desenvolvendo em suas diversas esferas, incluindo palestras em escolas que impactam professores e estudantes com e sem deficiência. Neste período entre janeiro de 2022 à julho de 2023, atingimos mais de 500 pessoas presencialmente, nas atividades em escolas públicas e serviços da assistência social para idosos. No

ambiente virtual, temos um impacto semelhante, através das *lives* e postagens no Instagram.

A consolidação da roda de conversa aberta à comunidade de forma online, na qual há um tema inicial com indicação de uma leitura acadêmica sobre o assunto, tem trazido resultados importantes no que diz respeito à ampliação do debate para além da esfera universitária. Em muitas situações as discussões acadêmicas são de certo modo elitistas e colaboram pouco para a democratização do debate teórico-científico. O coletivo CEPAC tem auxiliado em tornar essa discussão acessível para a comunidade não-acadêmica e isso tem trazido retornos valiosos para nós enquanto coletivo de extensão e pesquisa. A presença de pessoas com deficiência que relatam suas vivências é tão (se não mais) importante quanto à presença dos mediadores de debates intelectuais. O resultado é a construção de um espaço enriquecedor embasado, além dos referenciais teóricos mencionados, em compartilhamentos, aprendizagens, problematizações, reflexões, empoderamentos, pertencimentos, potencialidades, afetos e em colaborações entre todos.

Outro resultado importante deste projeto foi a construção de uma parceria com uma política pública para idosos do estado do Rio Grande do Sul, o Centro Dia do Idoso, que abrange a capital Porto Alegre. A participação do coletivo em um grupo para idosos com afasia do curso de Fonoaudiologia, que teve como intuito promover experiências lúdicas que auxiliem nas dificuldades adquiridas através de um AVC, expandiu nosso coletivo para atividades de promoção da saúde a pessoas da terceira idade. Através dessa política de assistência social, conseguimos acessar idosos negros e de situações socioeconômicas fragilizadas, que até então tinham dificuldade de acessar o projeto do CEPAC direcionado a idosos com sequelas do AVC.

Por isso, é necessário que essa discussão se expanda, dentro da universidade, com o debate e o ensino anticapacitistas na sala de aula, a acessibilidade do ambiente acadêmico e a visibilização das cotas para pessoas com deficiência. Fora da universidade é fundamental que os direitos sociais das pessoas com deficiência avancem e que se garanta a implementação de políticas públicas que visam a transformação social. Igualmente devemos levar em consideração,

concomitantemente com a discussão anticapacitista, a pauta antirracista, fazendo a interseccionalidade entre ambas no que diz respeito às questões de privilégio das pessoas brancas sem deficiência e da vulnerabilidade das pessoas com deficiência, em especial as negras, na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- DINIZ, Débora. **O Que é Deficiência**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 89
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. 7a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- MARCO, Victor Di. **Capacitismo: o mito da capacidade**. Editora Letramento, 2021.
- MARTINS, S. E. S. O.; CIANTELLI, A. P. C.; OLIVEIRA, D. C.; SEGURA, A. P. M. Divergências entre os indicadores de matrículas de estudantes brasileiros em situação de deficiência do ensino médio ao ensino superior. **RAES - Revista Argentina de Educación Superior**, n. 26, p. 44-59, 6 jul. 2023.
- NOGUERA, R. Entre a linha e a roda: infância e educação das relações étnico-raciais. **Magistro Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes–UNIGRANRIO, Rio de Janeiro**, v. 1, n. 15, p. 398-419, 2017.
- SANTOS, S. C. DOS .; KABENGELE, D. DO C.; MONTEIRO, L. M.. Necropolítica e crítica interseccional ao capacitismo: um estudo comparativo da convenção dos direitos das pessoas com deficiência e do estatuto das pessoas com deficiência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 81, p. 158–170, jan. 2022.